



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

**A ESCOLA COMO UM LUGAR DE ENCONTRO: UM ESTUDO SOBRE  
ENTENDIMENTO DO CONCEITO DE INTERACÇÃO ENTRE PROFESSOR - ALUNO  
E PROFESSOR – PROFESSOR, O CASO DA ESCOLA SECUNDÁRIA GUAZA  
MUTHINI**

**Autor:**

Lobo Victorino Mujaide

**Supervisora:**

Dra. Sónia Seuane

Maputo, Julho de 2015

**A ESCOLA COMO UM LUGAR DE ENCONTRO: UM ESTUDO SOBRE  
ENTENDIMENTO DO CONCEITO DE INTERACÇÃO ENTRE PROFESSOR - ALUNO  
E PROFESSOR – PROFESSOR, O CASO DA ESCOLA SECUNDÁRIA GUAZA  
MUTHINI**

**Autor**

---

Lobo Victorino Mujaide

Trabalho de Culminação de Estudos apresentado na modalidade de Projecto de pesquisa em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane.

O Supervisor

Dra. Sónia Seuane

O Presidente

Dra. Marta Langa

O Oponente

Dr. Fernandes Majante

Maputo, Julho de 2015

## **Declaração**

Declaro que este trabalho nunca foi apresentado, na sua natureza para a aquisição de qualquer grau académico, e que ele constitui o desfecho da minha investigação individual, constando ao longo do trabalho e na bibliografia as fontes utilizadas para a produção do mesmo.

O Autor

---

(Lobo Victorino Mujaide)

## Dedicatória

*Dedico este trabalho:*

- *à memória do meu pai Victorino Mujaide*
- *aos meus tios Moisés Mujaide e Costumado Mujaide*
- *Especialmente à família da minha mãe (Família Gencia). Sendo que neste trabalho há um de cada vós – bem hajam todos!*

## Agradecimentos

Em primeiro lugar quero endereçar os meus agradecimentos à minha supervisora Dra. Sónia Seuane pelo apoio, paciência, pela sua incansável disponibilidade e dedicação no acompanhamento deste trabalho, incluindo suas críticas, sugestões, encorajamento, rigor científico neste trabalho. O meu muito obrigado Dra. Sónia.

Agradeço a todos os docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia da UEM que estiveram sempre presentes na transmissão do conhecimento antropológico ao longo dos quatro anos de estudo.

A várias pessoas que, directa ou indirectamente, se mostraram sempre capazes de dar o seu contributo material ou espiritual. Em reconhecimento deste nobre gesto, expresso o meu sincero obrigado a todos os que colaboraram comigo para a concretização deste trabalho.

A todos os meus colegas do curso de licenciatura em Antropologia, *geração* 2011, especialmente aos colegas Gabriel Muchombe, Cribino Ivan Simões Raúl, Rosário Potai, Fátima Carimo, Luísa Mabjaia, Arnaldo Moisés e meu amigo Crescêncio Mugube por terem partilhado comigo suas ideias, quer por via de críticas, provocações ou sugestões, o que constituiu um apoio essencial para a realização deste trabalho.

À minha namorada Lina Lemos Matos, pelo amor e carinho dispensado, bem como pela paciência que teve durante os quatro anos de formação. A ela, cordialmente, o meu muito obrigado.

Finalmente, quero agradecer especificamente aos meus encarregados, Dias Mujaide e Regina Chico Barroso, por sempre me terem dado atenção e coragem para o sucesso deste trabalho, perguntado reiteradas vezes: “Como vão as aulas? Como vai o trabalho do fim de curso?”. Obrigado mano Dias e cunhada Regina. E obrigado àqueles que sempre me desejaram a concluir o curso com êxito e, em especial, a minha mãe Aissa Gencia, tia Jacinta, tia Anastacia, ao tio Sobrinho e mano Rosário, de quem relembro as seguintes perguntas: “quando é que vais acabar afinal?”. Enfim, só posso dizê-los o meu “obrigado”.

## **Lista de Abreviaturas**

**UEM**- Universidade Eduardo Mondlane

**UP** - Universidade Pedagógica

**CEA** - Centro de Estudos Africanos

**DAA** - Departamento de Arqueologia e Antropologia

**USTM** - Universidade São Tomás de Moçambique

**INE** – Instituto Nacional de Estatística

**BCBM** - Biblioteca Central Brazão Mazula

## Resumo

O presente trabalho espelha entendimento do conceito de interacção entre professor - aluno e professor – professor, na escola secundária Guaza Muthini, Província de Maputo, concretamente no Distrito de Marracuene. Este assunto é discutido numa perspectiva teórica interaccionista.

Esta perspectiva compreende a interacção como um processo mediado pelo carácter simbólico da acção social, e o sentido das coisas são derivadas da interacção social que os indivíduos estabelecem com os outros num processo constante de actividades em que as pessoas partilham símbolos, sentimentos e representações sobre um fenómeno.

Para a recolha de dados efectuou-se trabalho de campo, onde foi possível observar e interagir com professores e alunos, inclusive assistir às aulas.

A partir dos dados recolhidos com base na observação directa, observação não directa, conversas ou entrevistas semi-estruturadas e as técnicas de memorização, com o grupo alvo, professores e alunos, da escola secundária Guaza Muthini, Distrito de Marracuene, entre Maio de 2014 até Maio de 2015, onde a lógica do entendimento de interacção é feita através dum processo pedagógico, fez-se um “cruzamento” de diferentes conhecimentos entre professor e aluno.

Após o levantamento dos dados no campo, os resultados apurados nesta pesquisa etnográfica permitiram concluir que: os professores e alunos estruturam as suas relações a partir das suas acções no espaço escolar; atribuem-se papéis de responsabilidade, que se tornam repletos de sentido para cada indivíduo; porém as dinâmicas interactivas verbais e não verbais dos actores sociais são permeadas de trocas simbólicas que vão para além do espaço escolar.

**Palavras - chave:** professor, aluno e interacção social

## Índice

Declaração .....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Lista de Abreviaturas.....	iv
Resumo .....	v
Capítulo I .....	1
1.1. Introdução.....	1
Capítulo II.....	4
2.1. Revisão de literatura .....	4
2.2. Enquadramento Teórico e Conceptual.....	6
2.3. Discussão Teórica .....	7
2.4. Conceitos.....	7
2.5. Interação Social.....	8
2.6. Espaço .....	8
2.7. Escola.....	9
2.8. Ensino e Aprendizagem.....	10
3.1. Metodologia .....	11
3.2. Descrição do Contexto de Pesquisa .....	11
3.3. Fase da pesquisa .....	12
3.4. Métodos e Técnicas de Recolha de Dados .....	14
3.5. Perfil dos Informantes .....	15
3.6. Constrangimentos no Trabalho de Campo .....	15
Capítulo IV .....	17
4. 1 Apresentação e análise dos dados.....	17
4.1. Percepção do Conceito de Interação por parte dos alunos.....	17
4.2 Processo de Interação Professor – Aluno na sala de aula.....	20
4.3. O processo de Interação Professor – Professor.....	22
4.4. Percepções dos professores sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de interação com os professores.....	23



Capítulo V.....	25
Considerações finais.....	25
Referências Bibliográficas.....	26

## Capítulo I

### 1.1. Introdução

O presente trabalho analisa o entendimento do conceito de interacção entre professor - aluno e professor – professor, na escola secundária Guaza Muthini, Província de Maputo, Distrito de Marracuene, procurando compreender a forma de interacção no seio dos professores entre si, e destes com os alunos; como é que neste processo de interacção apropriam, reconstroem as lógicas de interacção; e como constroem as categorias identitárias para a sua auto-representação.

A temática sobre a interacção social aqui apresentada já foi alvo de debate nas ciências sociais em várias perspectivas. Para Brito (2013), a interacção social pode acontecer em diversos lugares, mas a fixação de determinadas situações acontece em locais específicos. Neste caso em análise, escolheu-se uma escola, pois o espaço ali existente é propício para estabelecer um cenário de interacção entre os actores ali presentes.

Numa outra perspectiva, Mollo (1969) diz que a interacção social pressupõe a influência exercida entre os indivíduos em suas dinâmicas de comunicação e efectua-se no presente, para o presente, e não no futuro ou “mais tarde”.

Considerando que o processo de interacção decorre sucessivamente entre as pessoas, a partir de uma relação vincular, é, portanto, através do outro, que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma, apropria (ou constrói) novos conhecimentos, considerando, igualmente, que a qualidade dessas interacções sociais influem na relação do indivíduo com os objectos, lugares e as situações, de modo que estas interacções busquem identificar os aspectos afectivos presentes e influentes no processo de aprendizagem Tassoni (1994).

Segundo Müller (2002), a interacção professor - aluno pode-se mostrar conflituosa, pois se baseia no convívio de classes sociais, culturas, valores e objectivos diferentes. Pode-se observar dois momentos da interacção professor - aluno: o aspecto da transmissão de conhecimento; e a própria interacção pessoal entre professor e aluno, a luz das normas disciplinares impostas. Essa interacção deve estar baseada na confiança, afectividade e respeito, cabendo ao professor orientar

o aluno para seu crescimento interno, isto é, fortalecer-lhe as bases morais e críticas, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser dado.

De acordo com Sirota (Apud Silva, 2012), os processos interactivos vêm sendo considerados como factores intra-escolares e privilegiam, dessa forma, uma visão unidireccional, deixando de lado a dimensão política da educação. As interacções sociais no quotidiano da escola partem de uma compreensão de que a dinâmica diária da instituição pode ser lida através de tais aspectos.

Esta pesquisa foi feita mediante a aplicação do método qualitativo, que consistiu na observação directa, observação não directa e nas entrevistas semi-estruturadas. Nesta linha metodológica, Trivinos (2006) refere que a pesquisa qualitativa tem bases teóricas idealistas, privilegia a consciência do sujeito e entende a realidade social como uma construção humana, procura o que pensam os sujeitos sobre suas experiências, sua vida, seus projectos, como forma de procurar detectar os significados que as pessoas dão aos fenómenos.

O trabalho tem como objectivo geral: compreender a lógica das interacções entre professor – aluno e professor – professor, no processo de ensino e aprendizagem, a partir do estudo realizado na Escola Secundária Guaza Muthini. Tem como objectivos específicos: analisar o entendimento dos conceitos de interacções estabelecidas entre professores – alunos e professores – professores, na Escola secundária Guaza Muthini; discutir o processo de interacção, tendo em conta as actividades quotidianas do professor – aluno e professor – professor, na Escola Secundária Guaza Muthini; e descrever as dificuldades que interferem no processo de interacção entre professor – aluno e professor – professor, na Escola Secundária Guaza Muthini.

A escolha deste tema foi motivada pelo facto de se constatar, na Escola Secundária Guaza Muthini, primeiro por ser uma área do meu interesse como estudante, segundo por ser uma escola em que as interacções entre professor – aluno e professor – professor aparenta um diálogo bastante equilibrado e nota-se que as interacções entre os envolvidos na pesquisa ultrapassam os espaços pelos quais lhes permite desempenhar os papéis de professor e de aluno. Terceiro por saber que o processo de interacção no processo de aprendizagem pedagógica é um processo de natureza cultural, por envolver valores que permitem ter uma identidade quer a nível escolar, assim como familiar.

A pertinência antropológica está ligada a questões de natureza pedagógica pelo facto do processo pedagógico permitir compreender as várias formas de interacções entre professor - aluno e professor - professor se comportar em vários nichos ecológicos no meio social

A outra perspectiva de natureza antropológica tem à ver com o conceito de educação na antropologia ser uma entidade presente desde o surgimento da antropologia como ciência no contexto americano.

O trabalho encontra-se estruturado em cinco partes, a considerar: a primeira, intitulada introdução, onde estão expostos os objectivos, a motivação e a organização do trabalho; a segunda, contem a revisão de literatura, onde se apresentam os argumentos dos autores, suas potencialidades e limitações durante as abordagens, bem como o problema da pesquisa, as hipóteses, o enquadramento teórico e a conceptualização, a terceira, apresenta a metodologia, as técnicas e a descrição do contexto de pesquisa (as abordagens, os procedimentos da pesquisa, o perfil dos entrevistados e os constrangimentos encontrados no decorrer do processo de pesquisa); a quarta, apresenta a análise dos dados, onde procuramos mostrar a relação entre os dados colhidos no trabalho de campo e a literatura; a quinta, expõe as considerações finais e a bibliografia usada para a elaboração do trabalho.

## Capítulo II

### 2.1. Revisão de literatura

O debate sobre o processo de interacção entre professor - aluno e professor - professor no espaço escolar envolve diferentes aspectos, pois transcende além das formas de comunicação verbal entre as pessoas, actividades e movimentos inter-relacionados de dois ou mais indivíduos (Mollo 1969:49).

De acordo com Palme (2004), a interacção é um processo constante de actividades em que os indivíduos partilham símbolos, sentimentos e representações sobre um determinado fenómeno. É nas interacções sociais onde os actores sociais interpretam seus papéis e orientam suas acções de modo que tenham significado para eles, utilizando linguagem, rótulos e rotinas para gerir impressões e outros modos de acção culturalmente específicos.

Esta linha de discussão mostra que as interacções sociais que se desenvolvem no espaço formativo ajudam ao professor e aluno a se compreenderem a si mesmos e aos outros actores sociais, enquanto sujeitos sociais e históricos, produtores de cultura, o que optimiza a construção da base inicial para a vivência efectiva no seu quotidiano.

Não tão diferente desta abordagem, Jorge e Lopes (2005), discutem a interacção como um campo onde os indivíduos constroem as suas acções e práticas sociais, de modo que se elaboram categorias representativas sobre o “self” (ego) dos mesmos. O argumento de Jorge e Lopes, advoga que a interacção está nas acções individuais e colectivas em que são definidos comportamentos a partir do contexto, espacial e temporal, em que os indivíduos se encontram.

A outra abordagem que se assemelha a discussão acima, é de Raposo e Maciel (2005), autores que consideram o processo de interacção entre professor – professor como uma realidade da cultura escolar observada mesmo entre professores da mesma área e da mesma série. Tal realidade implica, em geral, resultados educacionais que ficam muito aquém do seu potencial de realização. Por outro lado, observa-se que, nas escolas onde se consegue construir um bom nível de interacções sociais, há potencialização dos resultados educacionais e do desenvolvimento dos trabalhos, tanto individuais quanto colectivos.

Pensar na interacção segundo a perspectiva sócio-cultural construtivista, significa considerar a construção de conhecimentos por uma pessoa participante activa em termos de sugestões culturais colectivas, o que implica uma forma dinâmica no âmbito da negociação de objectivos dos diferentes indivíduos em interacção.

O processo de interacção centra-se na situação pedagógica como objecto de interacção social, por meio da qual as práticas recíprocas dos actores sociais em questão se auto-determinam e toda prática escolar é uma metáfora do conjunto de práticas sociais do indivíduo (Sirota Apud Lúcia da Silva, 2012).

Segundo Müller (2002), a escola é um terreno de observação privilegiado para estudar os sistemas de valores de uma sociedade e os mecanismos das suas transformações. Ele argumenta que a interacção professor – aluno efectua-se no presente e para o presente, e não no futuro tendente a um “mais tarde”. A escola torna-se, deste modo, o símbolo da interdependência e da liberdade, e cabe-lhe o estatuto de mestre prestigiado susceptível de compensar miséria moral e material.

Nesse sentido, a interacção social pressupõe a influência exercida entre os indivíduos em suas dinâmicas de comunicação, que conduzem suas atitudes de acordo com as expectativas dos grupos a que pertence.

Wagner A. et al (2006) afirma que a interacção entre professor e aluno pode provocar uma sequência de relações, cujo resultado final aponta a qualidade do relacionamento interpessoal. Logo, é importante que haja na escola um espaço para que ambos sejam ouvidos e considerados, propiciando, inclusive, um sistema preventivo de saúde e promotor de bem-estar.

Para Fernanda (2009: 76), o contexto escolar é um espaço reflector da diversidade que se expressa nas variadas relações e interacções desenvolvidas em seu meio. O espaço educacional é repleto de complexidades que implicam encontros, desencontros, similaridades, diferenças, identificações e conflitos. Contudo, dessas abordagens destacam-se duas já de seguida:

A primeira é aquela que enfatiza a ideia de que a interacção é um processo constante de actividades em que os indivíduos partilham símbolos, sentimentos e representações sobre um determinado fenómeno. Visto que é nas interacções sociais onde os actores sociais interpretam

seus papéis e orientam suas acções, de modo que tenham significado para eles, utilizando linguagem, rótulos e rotinas para gerir impressões e outros modos de acção culturalmente específicos. Esta se integra na abordagem comportamental dos indivíduos nas suas actividades quotidianas (Palme 2004, Jorge e Lopes 2005).

A segunda abordagem, embora reconheça que o processo de interacção entre professor – professor é uma realidade da cultura escolar, que implica, em geral, resultados educacionais que ficam muito aquém do seu potencial de realização, do reconhecimento, da situação pedagógica como objecto de interacção social, considera as práticas recíprocas dos actores sociais em questão se auto-determinam e toda prática escolar é uma metáfora do conjunto de práticas sociais do indivíduo (Raposo e Maciel 2005, Lúcia da Silva 2012 e Müller, 2002).

Portanto, essas abordagens limitam-se apenas em dar ênfase a interacção como um processo constante de actividades em que os indivíduos partilham símbolos, sentimentos, categorias e representações sobre um determinado fenómeno, a partir do contexto em que estão inseridos. Entretanto, as mesmas não explicam as lógicas de partilhas dos símbolos, sentimentos e das categorias entre professor – aluno e professor-professor. Contudo, é a partir desta “limitação” metodológica e analítica, que esta pesquisa se desenrola, seguindo a seguinte pergunta de partida: *Quais as lógicas que estão por detrás das interacções entre Professor – Aluno e Professor – Professor, na Escola Secundária Guaza Muthini?*

## **2.2. Enquadramento Teórico e Conceptual**

Nesta secção do trabalho, apresenta-se o quadro teórico e, como também os conceitos que serão operacionalizados no trabalho.

### **2.3. Discussão Teórica**

O interaccionismo simbólico tem como seus principais representantes George Herbert Mead, professor de filosofia da Universidade de Chicago, no período compreendido entre 1893 e 1931. A visão de Mead foi influenciada pela escola pragmática, pela teoria da evolução de Darwin, e pelo behaviorismo, por isso Mead é considerado também empirista, naturalista e pragmatista (Goss 2006, Dupas e Oliveira 1997 e Dos Santos s/d). A principal preocupação desta corrente é compreender os indivíduos em interacção uns com os outros, sendo os processos de interacção mediados pelo carácter simbólico da acção social.

De acordo com Blumer (1969), apud Dupas e Oliveira (1997), esta teoria tem como três pressupostos: o primeiro é o facto de o ser humano agir em relação as coisas com base nos sentidos que tais coisas têm para ele; o segundo é que os sentidos das coisas são derivados, ou se originam, na interacção social que o indivíduo estabelece com os outros; estes sentidos são manipulados e modificados através de um processo interpretativo, o terceiro é usado pela pessoa ao lidar com as coisas e situações que ela encontra.

Considerando que a compressão desta teoria pode ser facultada por Dos Santo (s/d), que coloca quatro pressupostos do interaccionismo simbólico: os indivíduos interagem e a sociedade é constituída de indivíduos interagindo; o ser humano é compreendido como um ser agindo no presente, influenciado não somente pelo que aconteceu no passado, mas pelo que está acontecendo agora e a interacção acontece neste momento, os seres humanos actuam num mundo que eles definem e agem de acordo com o modo como definem a situação que vivem, o ser humano é livre naquilo que ele faz e parte dessa definição que envolve a escolha consciente, a direcção das acções em face dessa definição, a identificação dessas acções para uma interacção.

### **2.4. Conceitos**

Esta secção do trabalho irá discutir os seguintes conceitos: interacção social, espaço, escola, ensino e aprendizagem. Referir que o conceito de interacção social é o tema dominante neste trabalho e os outros conceitos são transversais de todo o trabalho e fio condutor desta pesquisa.



## **2.5. Interação Social**

Segundo Brito (2013:276) A interação social pode acontecer em diversos lugares, mas são em locais específicos (este caso a escola) que a fixação de determinadas situações acontece, pois o espaço ali existente é propício para estabelecer um cenário de interação entre os actores ali presentes.

A interação social é um processo que constantemente está sendo construído pelos actores, de modo que estes podem interpretar as coisas. Isso significa que as acções sociais não podem ser capturadas no decurso de uma lógica pré-estabelecida, casualmente estabelecida a partir de uma ordem de factos externos e fixos (Dos Santos, s/d).

Compreende-se com as definições acima, que interação social acontece em diferentes lugares, como uma afectividade constante em que os indivíduos estabelecem lógicas a partir de factos externos e fixos.

## **2.6. Espaço**

Segundo Bourdieu (1996), define o espaço como um conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade, vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima e abaixo.

A ideia de espaço trazida pelo Bourdieu nos permite olhar os espaços urbanos e rurais como próximos e em mútua interação, e não opostos como espaço sem comunicação, espaço com comunicação e espaço sem interação, espaço com interação.

## 2.7. Escola

O conceito de escola deve ser visto como uma instituição que constitui um corpo social delimitado, onde existe uma ordem social e que através de uma realização mais ou menos profunda garante a manutenção dessa ordem assegurando assim a sua continuidade como agrupamento distinto (Domingos 1986). Esta ordem modifica a identidade de muitos indivíduos, transforma a natureza das suas relações com a família e com a comunidade possibilitando-lhes o acesso a outros estilos de vida e outros modos de relação social.

A escola é um lugar de encontro, de todos os encontros – encontro de si, encontro do outro. Permite a interação dos indivíduos, das diferenças étnicas como culturais, religiosas ou filosófica, e igualmente as que provêm de uma deficiência, física ou psicomotora (Escallier 2004:38 ).

Ao pensarmos a escola como um cenário, podemos entender, metaforicamente, que ali naquele espaço existem determinados actores (a comunidade escolar) que desempenham suas funções, observando suas posições sociais previamente determinadas, ou seja, cada elemento, dentro daquele cenário (os alunos, os professores, os administradores, os responsáveis etc), conhece e desempenha suas funções, conscientemente, dentro daquele ambiente, e por se tratar da escola, tais funções devem acontecer de maneira contextualizada através da interação que tem naquele local propício para acontecer (Brito 2013).

Por outro lado a escola é uma instância fundamental na estrutura social. Nas instituições está depositada uma parte da nossa identidade e nelas se processa a socialização que estrutura a construção social da realidade. Sendo assim as instituições são depositárias de valores sobre quais assenta a lógica social numa dada fase sócio - histórica. E se a escola tem uma dimensão organizativa, uma estrutura hierárquica e de poder, é importante não esquecer que essa estrutura encontra o seu sentido em dimensões éticas e morais, sociais e simbólicas numa interação (Benavente 1993).

Assim, para percepção do processo de interação no espaço escolar, Samento (2000), defende a escola que é igualmente, um espaço onde no quotidiano, se exerce uma cidadania comum nas interações entre a escola e os alunos, a escola e os professores, a escola e os pais, a escola e o

bairro. Esta concepção é concebida no seu todo como um sistema social aberto complexo, multidimensional e contingente, vem a revelar-se como uma organização progressivamente mais complexa não só pelo sucessivo aumento de tamanho (em extensão e em número de pessoas) como também de uma forma clara aos processos de interacção e interdependências de todos eles.

Compreende-se com as definições acima, que o conceito de escola para além de transmitir conhecimentos teóricos, é responsável por socializar os indivíduos no meio social, preparando-lhes para sua interacção social.

## **2.8. Ensino e Aprendizagem**

Segundo Pinto (2009), o processo de ensino - aprendizagem é uma actividade interpessoal, articulada pela interacção do aluno com do professor, em torno da realização das tarefas escolares. Tanto professor quanto os alunos trazem para a sala de aula sua bagagem de conhecimentos, habilidades, valores e expectativas que de acordo com as interacções estabelecidas poderá propiciar o desenvolvimento da personalidade do educando, assim como de sua capacidade de discernimento, senso crítico e responsabilidade individual na construção do seu saber.

Esta ideia é reforçada por Zuanon (1995:39), na medida que restringem sobre ensino - aprendizagem no âmbito da sala de aula, percebe-se que as fontes das interacções interpessoais referem-se a professores e alunos e, também, entre os alunos.

Percebe-se com as definições acima referidas, que o conceito de ensino e aprendizagem é uma acção que o professor e alunos desenvolvem a partir de si mesmos modos de se relacionar, estabelecendo uma ordem nas suas interacções.

## Capítulo III

### 3.1. Metodologia

*“O trabalho de campo com observação participante constitui o método privilegiado de recolha de informação e de reprodução de conhecimento na Antropologia e uma das suas marcas identitária, fruto da tradição disciplinar em estudar grupos humanos e culturas muito distintas das do investigador” (Florêncio 2005:22).*

Nesta secção do trabalho irá se apresentar os procedimentos metodológicos usados para a elaboração do presente trabalho. Numa primeira fase faz-se a descrição do contexto onde ocorreu a pesquisa etnográfica, e na segunda fase mostra-se as fases da pesquisa. Na terceira mostra-se as técnicas utilizadas para a recolha dos dados e por último os constrangimentos enfrentados ao longo do trabalho de campo.

### 3.2. Descrição do Contexto de Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na escola secundária Guaza Muthini, Província de Maputo Distrito de Marracuene. A descrição da mesma terá em conta três aspectos, nomeadamente: a divisão administrativa, a organização físico-social e a organização pedagógica da escola.

No que concerne a divisão administrativa, o Distrito de Marracuene têm uma superfície de 883 Km<sup>2</sup> e uma população de 133.922 habitantes, tendo uma densidade populacional de 143 habitantes/Km<sup>2</sup>, sendo 60.874 homens e 65.445 mulheres. O Distrito de Marracuene, localiza-se a 30 Km da Cidade de Maputo, entre a latitude de 25°41'20" Sul e longitude de 32° 40'30" Este. É limitado a Norte pelo Distrito da Manhiça, a Sul pela Cidade de Maputo, a Este pelo Oceano Índico e a Oeste pelo Distrito da Moamba e Cidade da Matola (INE, 2007).

No que se refere a organização físico-social, importa referir que a escola localiza-se à beira de estrada nacional n<sup>o</sup>1. Quanto a construção física a escola é composta por seis blocos e, um dos

quais funciona como administrativo e os restantes salas de aulas. A escola conta com um total de 17 salas em funcionamento e 37 funcionários, entre professores, agentes de serviço e técnicos. No bloco administrativo estão os gabinetes da directora, adjunto pedagógico da escola e a secretaria, este bloco funciona como a direcção da escola. A escola dispõe dois campos para aulas de educação física, uma reprografia, um centro social, uma sala de professores, uma sala de informática, uma biblioteca e um armazém de material de limpeza e didáctico.

Em frente e em redor da escola encontram-se, residências e barracas. Sendo assim, nesses espaços vendem-se diversos produtos entre os quais areia empacotado para consumo, gelo doce, amendoim torrado, bolachas, recargas de telemóveis, doces, bolos, bebidas alcoólicas e refrescos. Estas bancas e barracas são frequentadas pelos professores e alunos antes, durante e após as aulas, como também pela comunidade circunvizinha da escola.

No que respeita a organização pedagógica a escola funciona em três turnos: o primeiro das 07:00 - 12:10, o segundo das 12:30 - 17:30 e o terceiro das 17:40 - 21:45. A escola conta com 3582 alunos e 26 professores divididos em dois ciclos, o primeiro da 8ª à 10ª classe e o segundo da 11ª à 12ª classe. A distribuição dos alunos por classe, a 8ª classe 967; a 9ª classe 633; a 10ª classe 708, 11ª classe 854 e 12ª classe 420.

### **3.3. Fases da pesquisa**

O presente trabalho obedeceu quatro fases complementares: elaboração do projecto, a etnográfica, a revisão de literatura e a análise de conteúdo.

A primeira fase, consistiu em desenhar um projecto de pesquisa, recorrendo-se a várias bibliotecas a nível da Universidade Eduardo Mondlane (UEM): Biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), Biblioteca do Centro de Estudos Africanos (CEA) e Biblioteca Central Brazão Mazula. Fora da (UEM), a Biblioteca da Universidade Pedagógica (UP - Sede) e da Universidade São Tomás de Moçambique (USTM). Esta fase decorreu entre Fevereiro e Abril de 2014.

A segunda fase, consistiu em dirigir-se ao campo de pesquisa na escola secundária Guaza Muthini, Distrito de Mrracuene. Quando cheguei ao local da pesquisa, priorizou-se a apresentação à direcção da escola e as demais comunidade escolar, com as quais granjeou simpatia garantido o melhor decurso da pesquisa, antes, sendo identificado os espaços de sociabilidade entre funcionários, professores e alunos, bem como tendo assistido as aulas de educação física, química, biologia, história e filosofia.

Nesta fase, fez-se a recolha de dados com técnicas de pesquisa adoptadas nas ciências sociais, em particular na Antropologia. Neste sentido, usou-se as técnicas de observação directa, observação indirecta, conversas ou entrevistas semi-estruturadas e as técnicas de memorização que consiste em memorizar a informação no momento da conversa com os informantes e depois anotar no diário de campo. Esta fase decorreu entre Maio até Novembro 2014.

A fase da recolha de dados foi realizada num movimento constringedor de vai e vem, com pausas durante as interrupções de calendário escolar, ou em casos de falta de fundo para suportar as viagens como esta indicado nos constringimentos.

Na terceira fase, voltei para as bibliotecas onde fiz a revisão de literatura sobre assunto em estudo, depois de fazer a busca fiz a revisão da literatura de estudos existente. Nesta fase foram consultadas teses, dissertações, livros, artigos, em bibliotecas físicas a nível da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e virtuais.

A última fase, consistiu em fazer a análise dos dados recolhidos no campo, agrupando em tabelas e medindo-se o seu sentido com a revisão bibliográfica, proporcionando um argumento que levou sua interpretação.

### **3.4. Métodos e Técnicas de Recolha de Dados**

O presente trabalho é de carácter exploratório. Para a recolha de dados usou-se o método etnográfico que consistiu em entrar no universo de pesquisa captar a sua lógica e sair com algo novo.

Na pesquisa etnográfica usou-se basicamente três técnicas que compõe este método, a observação directa, observação indirecta e entrevistas semi-estruturadas ou conversas informais. Para além destas técnicas, em algumas vezes usou técnica de memorização.

Nos primeiros dias de pesquisa, dedicou-se em observar e ouvir, e a informação que recolhia com recurso a essas técnicas anotava no diário de campo. A técnica de observação durante a pesquisa, permitiu ver as movimentações dos alunos, suas brincadeiras fora da sala, as suas dedicações nas aulas, movimentação de professores, formas de tratamento, bem como local habitualmente frequentado por alunos após as suas aulas.

O ouvir nesta pesquisa constitui uma técnica muito importante, pois, permitiu escutar as conversas entre todos intervenientes da comunidade escolar (professor -aluno, aluno -aluno...) em todos os extremos da instituição, (nas salas de aula, nos corredores da escola, na sala dos professores e na cantina da escola). Todavia prevaleciam varias duvidas quanto a esta técnica, sendo necessário recorrer as conversas semi-estruturada, para se ultrapassar as duvidas.

As anotações dos dados etnográficos eram feitas em diário de campo. Neste diário foram anotados dados sobre o perfil dos participantes da pesquisa, a localização da escola, as conversas desenvolvidas com os participantes. Também foram anotados no diário de campo dados sobre as dificuldades enfrentadas ao longo da pesquisa. Estes instrumentos constituíram verdadeiro companheiro da pesquisa, pois, sempre que estivesse no campo anotava tudo e menos nada.

### 3.5. Perfil dos Informantes

Os informantes com quem trabalhei nesta pesquisa são 54 alunos de nível médio segundo ciclo 11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> classes dos quais 34 do sexo masculino e 20 sexo feminino com idade compreendida entre os 16 a 20 anos e 21 professores dos quais 13 de sexo masculino e 8 de sexo feminino de idade entre os 25 a 40 anos.

### 3.6. Constrangimentos no Trabalho de Campo

Na realização do presente trabalho passei por três constrangimentos. O primeiro é sobre o fundo para prosseguir com a pesquisa, o segundo é sobre a mudança do tema e último é sobre a literatura do assunto em estudo.

O primeiro constrangimento foi essencialmente a falta de fundo para a viagem da cidade de Maputo para Distrito de Marracuene local onde se encontra a escola em que fiz a pesquisa etnográfica. Durante a elaboração do projecto de pesquisa tinha feito um cronograma com dinheiro de transporte que vai directo até ao campo, então tive muitas vezes que fazer ligações para chegar mas cedo ao campo, e isto implicou em pedir ajuda monetárias algumas pessoas próximas e nos dias que não tivesse a disponibilidade de ajudar-me tive dificuldade de alguns dias ir ao campo.

O segundo constrangimentos, se deu quando chegamos no campo. Sai de casa com um projecto já elaborado e que pretendia estudar a desistência escolar, e chegado ao campo não notei nada sobre a desistência escolar. Dai a razão de fazer um *Serendepity*<sup>1</sup> do assunto que tinha levado para o campo, e começar a etnógrafar coisas que via ai, e estas coisas conduziram-me até a interacção professor – aluno e professor - professor.

---

<sup>1</sup> Uma estratégica metodológica que antropólogos vem usando há muito tempo em situações em que na pesquisa etnográfica à necessidade de mudar do assunto por diversas motivos.



O terceiro e último constrangimento ocorreu quando estava a fazer a pesquisa documental sobre o assunto em estudo, e durante esta pesquisa deparei-me com poucos estudos sobre esta temática. E isto, fez com que fizesse uma pesquisa de estudo semelhante ao assunto em estudo.

Neste trabalho uso nomes fictícios para referir os participantes, isto deve-se ao facto do tipo de dados que trago podem em algum momento por em causa a imagem dos alunos.

## Capítulo IV

### 4.1 Apresentação e análise dos dados

Neste capítulo, apresento e analiso a informação colhida no campo sobre o entendimento de conceito de interacção entre professor – aluno, professor – professor e as percepções dos professores sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de interacção com os professores.

O mesmo está constituído em quatro segmentos. No primeiro segmento apresenta-se a percepção do conceito de interacção por parte dos alunos, no segundo segmento apresenta-se o processo de interacção do professor - aluno, no terceiro segmento apresenta-se o processo de interacção professor – professor e quarto segmento apresenta percepções dos professores sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de interacção com os professores.

#### 4.1. Percepção do Conceito de Interacção por parte dos alunos

Ainda nesta secção, pretende-se perceber dos alunos como estes entendem o conceito de interacção fora e na sala de aula. As respostas a esta pergunta foram diversas e isso pode-se perceber nos depoimentos abaixo:

*A interacção é o convívio amigável entre professor e aluno, onde se compartilham ideias, opiniões bem como se apresentam dúvidas e se esclarecem as mesmas (Magaia, 20 anos).*

Encontramos no segundo depoimento, o seguinte:

*A interacção é uma conversa na qual, duas pessoas ou mais falam de um assunto de total importância, seja para se darem conselho, ou para um convívio entre duas pessoas (Carlos, 17 anos).*

No terceiro depoimento, percebe-se que:

*A interacção pode ocorrer entre duas pessoas, entre um grupo, a partir de momento que ambos se falam. Na sala de aula a interacção acontece no decorrer da aula, na troca de conhecimento ou ideias entre o professor e aluno, fazendo um debate até chegarem a um consenso (Belita, 20 anos).*

Está patente no quarto depoimento abaixo que:

*A interacção é uma convivência entre professor e alunos não só numa sala de aula, mas também na nossa comunidade, debatendo um certo conhecimento através de um exercício recíproco entre dois ou mais sujeitos. A interacção é um meio na qual duas ou mais pessoas interagem de forma verbal ou oral, debatem assuntos de interesse comum, ou seja a interacção é um meio de diálogo (Tito, 17 anos).*

Com os depoimentos acima referidos, entende-se que a interacção é um processo que integra os princípios de relação social, donde se estabelece um princípio de trocas simbólicas entre o aluno e professor, que resulta na consolidação dos conhecimentos existentes entre ambos no contexto escolar. Neste contexto a escola aparece como um espaço que constitui um corpo social delimitado e permite a interacção entre os indivíduos, cujos seus limites vão para além das paredes escolares, tal como sustentam Domingos (1986).

Entende-se ainda que, o segundo, o terceiro e o quarto depoimentos convergem na mesma perspectiva, ao considerarem interacção como um processo que se estabelece com a presença de duas ou mais pessoas num determinado local, quer numa escola ou em casa das pessoas, mas a interacção tem como finalidade discutir assuntos que são pertinentes ao contexto social na qual os intervenientes estão inseridos. Assim sendo, a interacção não só integra aspectos de ordem escolar, mas também de carácter sócio -cultural, até mesmo da educação primária, que consiste tanto na troca valores de natureza académica bem como os de educação primária.

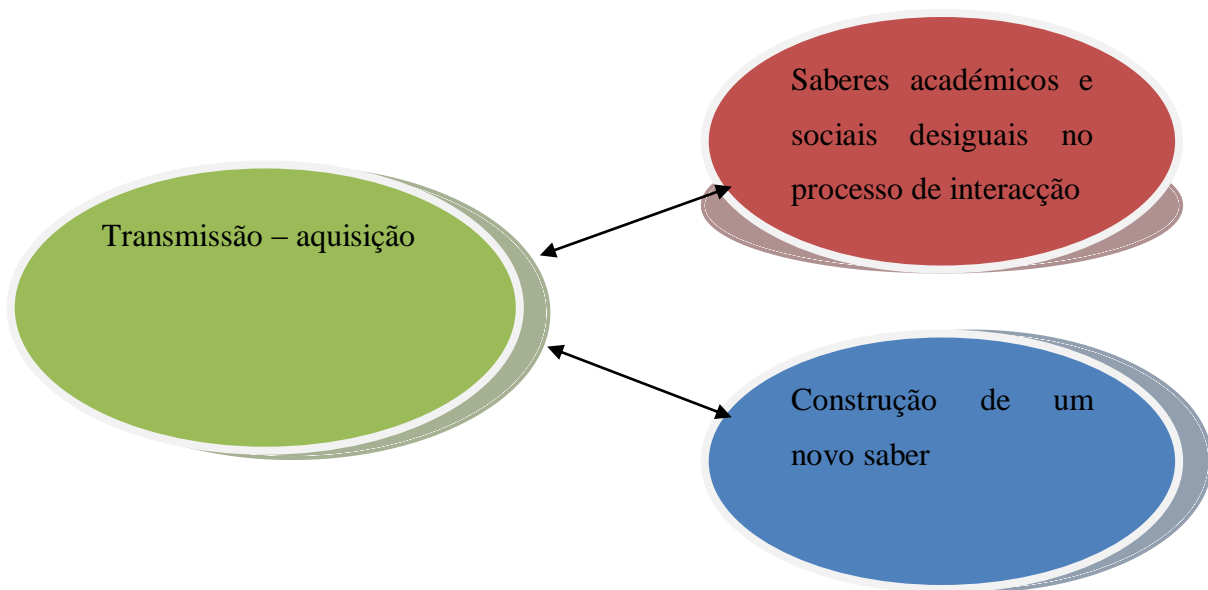
Estes segmentos constituem as evidências de que o processo de interacção vai para mais além do processo pedagógico, centra-se nas práticas recíprocas dos actores sociais em questão, auto-determinam-se nas acções individuais, colectivas, entanto que uma actividade complexa entre professor – aluno dentro e fora da escola. Estas interacções que vão fora da escola, espaço

simbólico da interdependência e da liberdade envolvem trocas de favores, troca de bebidas alcoólicas, troca monetária e entre outros favores.

A actuação do professor na sala de aula pode ser vista como uma negociação na qual, tanto o professor como os alunos adquirem novos saberes com base no processo de interacção (Viera, 1993:26).

A figura abaixo mostra a relação entre a transmissão do saber e a interacção na sala de aula, visto que cada ser humano transporta consigo os seus valores culturais. Por isso, a interacção na sala de aula possibilita um “cruzamento” de diferentes conhecimentos entre professor e alunos.

**Figura 1:** Relação entre transmissão, interacção professor – alunos na sala de aula



## 4.2 Processo de Interação Professor – Aluno na sala de aula

Nesta secção, procura-se compreender o processo de interação dos professores e dos alunos na sala de aula. Questionados sobre como acontece essa interação, tanto os professores assim como os alunos, responderam da seguinte forma:

*A interação acontece quando um professor se aproxima a um aluno com intenção de ajudar, dar um conselho, ou seja ajudá-lo um certo problema, seja no convívio familiar ou mesmo na própria escola. A interação na sala de aula acontece quando o professor faz uma questão aos alunos durante a aula e o aluno responde e, de seguida, começa a interagir até se tornarem amigos (Tânia 20 anos).*

Um dos nossos entrevistados revela que:

*Quando entrei no primeiro dia à aula de história, aconteceu algo muito importante, que foi a interação com meu professor, no mesmo dia. Fora da sala de aula estávamos a discutir questões sobre a qualidade do ensino no contexto moçambicano e o sistema educacional vigente (César 18 anos).*

O outro entrevistado mostra que:

*A interação acontece quando o emissor emite ou transmite a informação que o receptor pode decodificar e fazer o respectivo retorno, por outras palavras, ela acontece no momento em que saúdo os meus alunos, no momento da motivação da aula, ou seja, quando duas ou mais pessoas trocam impressões, quer oralmente ou por outros meios. (Cossa 30 anos)*

Numa outra entrevista encontramos patente que:

*A interação acontece no momento em que apresento-me como professora deles na sala de aula, durante a apresentação das regras de convivências, quer na sala de aula ou em qualquer lugar do recinto escolar. Assim, a minha interação com meus alunos vai ser contínua em todas as aulas da disciplina de filosofia e mesmo depois da aula (Marta 29 anos).*

Encontramos ainda patente que:

*Quando acontece a interacção com meu professor tem uma finalidade, que é de aprender muito com eles dentro e fora do espaço escolar, sobre a matéria e sobre como conviver com um membro da família e qualquer pessoa que não seja membro. A minha interacção com meus professores não termina na sala de aula, vai até noutros locais de convívio (Marcos 17 anos).*

O nosso entrevistado revelou-nos que:

*A finalidade desta interacção é tornar-me amigo dos meus professores dentro e fora do espaço escolar, e que consiga ajudá-lo e ele também me ajude sem receio. Com esta interacção construímos boas amizades dentro e fora da escola. A minha interacção com meus professores iniciou no primeiro dia de aulas e se prolongou até o período de processo de ensino e aprendizagem (Jacinto 18 anos).*

Numa outra entrevista, encontramos que:

*A finalidade desta interacção com o professor, diria que enquanto tiver vida ela não termina, pois, há casos em que o professor e a aluna casam, vivem juntos na mesma casa, até chegarem ao ponto de não se chamarem de professor – aluno chamarem se de esposo – esposa, enquanto continuam as mesmas pessoas e aí existe continuidade de interacção, por isso a interacção acontece no momento em que partilham o mesmo espaço (Fausto 29 anos).*

A partir dos extractos acima, é possível perceber que o processo de interacção envolve o acto pedagógico que pode ser definido como uma actividade sistemática de interacção entre professor-aluno, com a influência do próprio contexto escolar. Refere-se ainda nestes trechos que a finalidade desta interacção entre professor – aluno é de aprender (conteúdos, métodos, habilidades), como afirma (Mulle, 2002:276) salientando que a interacção do professor e do aluno é como uma forma do processo educativo e é uma condição do processo de ensino e aprendizagem, pois essa interacção dinamiza e dá sentido ao processo educativo.

Percebemos ainda com depoimentos acima referenciados, que a interacção professor – aluno estende-se a contextos fora da escola e que esta interacção traduz-se em relações de amizade, de solidariedade, de ajuda e por vezes, pode resultar em matrimónio entre os actores envolventes.

### 4.3. O processo de Interação Professor – Professor

Nesta secção irá se perceber como acontece o processo de interação professor-professor dentro do espaço escolar. As respostas a esta pergunta foram diversas e isso pode-se perceber nos depoimentos abaixo:

O nosso entrevistado revela que:

*O professor de inglês é meu amigo, porque somos da mesma província Nampula, por isso a nossa interação sempre é forte e correspondente. Nesta escola tenho muita interação com ele, os restantes colegas são de Maputo e são orgulhosos (Tomé, 34 anos).*

O outro entrevistado mostra que:

*A minha interação com meu colega, começou quando o pedagógico da escola mi apresentou os colegas da escola, mas a partir daquele dia escolhi o professor Mário como meu amigo fechado e dai passou-me a levar com carro dele para minha casa, mas na nossa interação existem uma reciprocidade, porque eu ajudo trabalhos dele da faculdade (Fausto, 30 anos).*

Um dos nossos entrevistados afirmou que:

*Quando cheguei nesta escola, a minha interação com a professora Lúcia sempre foi numa cultura escolar, no momento em que trocamos experiências na planificação das nossas aulas, sobre o processo de ensino-aprendizagem. Mas a nossa interação não termina na escola, levamos para outros locais de convívios, porque somos vizinho (Laura, 27 anos).*

Numa outra entrevista encontramos que:

*No meu caso, a interação começou quando comecei a leccionar nesta escola, foi entre colegas do meu grupo de disciplina que começou a interação, então desta altura foi sempre harmonia entre professores que dão mesma disciplina e tem um impacto positivo (Laura, 32 anos).*

Ainda sobre o processo de interação, questionamos a directora da escola como estabelece a interação com os professores, tendo nos revelado o seguinte:

*Eu como directora da escola tenho interacção com todos colegas, mas especificamente tenho muita interacção com meu pedagógico da escola, porque sempre estamos junto na direcção da escola, confio e é muito bom para questões técnicas da direcção, quando saímos neste recinto escolar temos nosso ponto de encontro onde trocamos copo de cerveja e lá fora não somos colegas, como madrinha – afiliado (Esmenia, 40 anos).*

Com os trechos acima referidos, notamos a existência de uma relação significativa que facilita a interacção professor - professor, através do ambiente criado pelos professores para a troca de experiências e de material didáctico. Notamos ainda que a interacção professor - professor não se resume ao espaço escolar, pois ela estende-se a espaços circunvizinhos.

Constatamos nestes depoimentos que existem dificuldades que são notórios no processo de interacção entre professor – professor, como sustenta Raposo e Maciel (2005:309) que a dificuldade nas interacções entre professor – professor é uma realidade da cultura escolar observada mesmo entre professores da mesma área e da mesma série. Tal realidade implica, em geral, em resultados educacionais que ficam muito aquém do seu potencial de realização, do reconhecimento, da situação pedagógica como objecto de interacção social, as práticas recíprocas dos actores sociais em questão.

#### **4.4. Percepções dos professores sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de interacção com os professores**

Nesta secção, procuramos saber dos professores sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de interacção com os professores. As respostas a esta pergunta foram diversas e isso pode-se perceber nos depoimentos abaixo:

*Os meus alunos enfrentam muitas dificuldades de interacção na sala de aulas devido a uma série de factores, e como forma de superar essas dificuldades por eles enfrentadas coloco-os a apresentarem trabalhos, em cada aula falam dez alunos indicados por mim, sempre quando introduz novo capítulo recomendo para eles prepararem e virem a aula para falarem, essas são as estratégias que uso como forma de superar as dificuldades no processo de interacção (Cardoso, 40 anos).*



Numa das entrevistas, ficamos a saber o seguinte:

*Os meus alunos tem medo de falar na disciplina de inglês, mas eu prefiro dizer para eles falarem a vontade a língua inglesa na aula e fora, esse exercício faço com os alunos da 11<sup>a</sup> Classe como uma forma de manter a interacção. Como forma de superar o medo no processo de interacção, atribuo nota aos alunos que mais falam na sala de aula, como forma de incentivo para interagirem durante as aulas (Horácio, 38 anos).*

Nesta entrevista, fica patente o seguinte depoimento:

*Na minha aula, uso a interacção como uma ferramenta de avaliação e isso contribui para que todos os meus alunos se sintam pressionados a falarem durante a aula e automaticamente superam as dificuldades de interacção na sala de aula. Também uso o tempo de motivação na aula para superar a dificuldade na interacção com os outros professor e este exercício está resultar nas outras aulas com outros professores (Manhiça, 34 anos)*

Uma das professoras, revelou o seguinte:

*Primeiramente eu chegava na sala monopolizava toda aula do princípio até ao fim e os meus alunos ficavam calados durante o decorrer da aula. Numa das conversas com os meus colegas de profissão, fiquei a saber que muitos dos alunos enfrentavam dificuldades de interacção e como forma de superar essas dificuldades tornei os meus alunos como os principais sujeitos do processo de ensino e aprendizagem e eu como o orientador das aulas (Lurdes, 29 anos).*

No que concerne as dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de interacção com os professores, os professores atribuem a responsabilidade aos alunos a dificuldade de interacção, visto que poucos participam nas actividades na sala de aula.

Notamos ainda que os professores adoptam uma série de estratégias como forma de superar as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos alunos no processo de interacção com os professores. Essas estratégias resumem-se em incentivos na atribuição de notas aos alunos com uma elevada participação na sala de aula, o tempo de motivação na aula assim como tornar os alunos como os principais sujeitos do processo educativo.

## Capítulo V

### Considerações finais

O presente trabalho procurou analisar o entendimento de conceito de interacção entre professor – aluno e professor – professor, estudo realizado na Escola Secundária Guaza Muthini na Província de Maputo, Distrito de Marracuene. A revisão de literatura sobre o assunto revela-nos duas abordagens, a primeira é aquela que enfatiza a ideia de que a interacção é um processo constante de actividades em que os indivíduos partilham símbolos, sentimentos e representações sobre um determinado fenómeno.

Para a segunda abordagem, o processo de interacção entre professor – professor é uma realidade da cultura escolar, que implica, em geral, em resultados educacionais que ficam muito aquém do seu potencial de realização, do reconhecimento, da situação pedagógica como objecto de interacção social.

A partir do material etnográfico analisado neste trabalho, percebemos que o conceito de interacção por parte dos professores e alunos é um processo que integra duas pessoas ou mais, o mesmo acontece com os princípios de relações sociais e pedagógicas que se estabelece num determinado local, como é o caso da escola ou em casa das pessoas.

Contudo, notamos que a interacção não só integra aspectos de ordem escolar mas também de carácter sócio-cultural, até mesmo da educação primária que consiste tanto na troca de valores de natureza académica bem como os de educação primária. Apesar de existirem estes aspectos de ordem escolar e sócio-cultural, notamos que a interacção tem como finalidade discutir assuntos que são pertinentes ao contexto social na qual os intervenientes estão inseridos.

No que diz respeito a interacção professor - professor, edificam-se grupos sociais resultantes das proveniências, gerações e áreas de formação académica dos professores, através do ambiente criado pelos professores para a troca de experiências, de material didáctico, com vista a atender ou resolver eventuais situações que estejam por de trás destes grupos. Notamos ainda que a interacção professor - professor não se resume ao espaço escolar, pois ela estende-se a espaços fora da escola.

## Referências Bibliográficas

- Bourdieu, P. 1996. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Acção*. Campinas: Papirus.
- Benavente, A. 1993. *Mudar a Escola Mudar as Práticas: um estudo de caso em Educação Ambiental*, Set, escolar editora.
- Brito, Clovis. 2013. *A Escola como um Cenário de Interação Social e local de Empreendimentos Éticos*, Ciência e Cultura, n. 46, pp. 267-282.
- Castro, Engrácia. 1995 *O Director de Turma nas Escolas Portuguesas: o Desafio de uma Multiplicidade de Papéis*, Porto editora, Portugal.
- Domingos, A. et al. 1986. *A Teoria de Bernstein em Sociologia da Educação*, Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa,
- Da Silva, C. L. 2012. *Interacionismo Simbólico: História, Pressupostos e Relação Professor e Aluno; suas Implicações*, PUCRS, v.3, n.2. pp. 73-84.
- Dos Santos S. R. s/d. *Interacionismo Simbólico: Uma Abordagem Teórica de Análise na Saúde*, UFPB.
- Dupas e Oliveira. 1997. *A Importância do Interacionismo Simbólico na Prática de Enfermagem*, Ver, Esc, USP, v.31, n.2, pp. 219-26.
- Escallier, Christine. (2004), *Arquitetura Escolar e Identidade: o Espaço Pedagógico Como Instrumento de Aprendizagem*, PED.
- Fernanda, C. J. 2009. *Entre Interações e Violências: A percepção dos atores sociais a respeito de seu cotidiano escolar*, 33º Encontro Anual da ANPOCS, pp. 1-30.
- Florêncio, Fernando.2005. *Ao encontro dos Mambos: As Autoridades Tradicionais Vandau em Moçambique*, ICS, 1ª Edição Lisboa.

Goss, K. P. 2006. *As Correntes Interacionistas e a sua Repercussão nas Teorias de Anthony Giddens e Bruno Latour*, 42 (3): 153-162.

Instituto Nacional de Estatísticas. 2007. *Censo geral da população*. Maputo.

Lúcia, S. 2012. *A Interacção Professor - Aluno como Factor de Inclusão: Uma Experiência no Colégio Piracicabano*.

Lopes, C.H.A; Jorge, M.S.B. 2005. *Interacionismo Simbólico e a Possibilidade para o Cuidar Interactivo em Enfermagem*. São Paulo: USP. 39 (1): 103-108.

Mollo, S. 1969. *A Escola como Espaço de Interacção Professor Aluno*.

Müller, L. S. 2002. *A Interacção Professor - Aluno no Processo Educativo*, Novembro, (31): 276-280.

Raposo, M. & Maciel D. A. 2005. *As Interacções Professor - Professor na Co-Construção dos Projectos Pedagógicos na Escola*, Set -, Vol. 21 (3): pp. 309-317.

Palme, M. 1992. *O Significado da Escola, Renitência e Desistência na Escola Primaria Moçambicana*. Maputo, INDE, pp. 20:45.

Pinto, C. B. C. 2009. *As Inter-relações Afectivo- cognitivas professoras-aluno e o Sucesso do Processo ensino – aprendizagem*, UniCEUB, São Paulo.

Samento., M. J. 2000. *Autonomia da Escola: Políticas e Práticas*, 1 Edição, ASA, Porto Lisboa.

Tassoni. E. M. (s/d). *Afectividade e Aprendizagem: a Relação professor-aluno*. UEC. Pp. 1-17.

Trivinos, Augusto N. S. 2006. *Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa Qualitativa em Educação*. São Paulo: ATLAS S. A.

Viera, F. 1993. *Supervisão uma Prática Reflexiva de Formação de Professores*, Rio Tint. Edições ASA, 1 edição, SP.

WAGNER A. Et al. 2006. *O Resgate da Relação Professor - Aluno: Uma Intervenção no Espaço Escolar*, Porto Alegre – RS, Set/Dez (3): 635 – 643.

Zuanon, Á. C. A. 1995. *O Processo ensino – aprendizagem na Perspectiva das Relações entre: professor-aluno, aluno-conteúdo e aluno-aluno*, (UFV), Revista Ponto de Vista – Vol.3.